

“Eu era uma criança, esse monstro que os adultos fabricam com suas mágoas.”

Sartre

Resenha de *Relicário de Cuspes*, de Leonardo Valente

Por **Mariana Belize**, doutoranda em Literatura Brasileira pela UFRJ

A competência de um romance não se dá apenas na sua constituição interna, ou seja, na construção formal de personagens, narradores, descrições e narrativa em si. Há no romance uma instância ainda mais poderosa que é do âmbito da arte propriamente dita: sua capacidade não só de relacionar-se com a exterioridade através da leitura, mas compor-se dos temas que se enraizaram nessa sociedade, assim o romance utiliza sua estrutura para diálogo, transgressão, denúncia e mais.

Ao comunicar-se com o leitor, o romance ganha na relação um a um; ao mesclar-se aos temas mais doloridos (e silenciados) da sociedade e do tempo em que está inserido, tem sua perspectiva ampliada. Sua voz multiplica-se por mil.

No caso do romance *Relicário de Cuspes*, um homem, provavelmente passando por um processo terapêutico de cura através da fala, revê e ressignifica a própria história: sua infância, sua relação conflituosa com a família e, principalmente com os pais, e para isso, reflete e reconstrói sua relação consigo mesmo, com as próprias memórias dolorosas, com a autoimagem e existência no mundo. Uma existência que enxerga a si mesma e traz da força da linguagem a possibilidade íntima que o romance suscita e que é impossibilidade ao humano: o acesso alegórico às informações do inconsciente.

Basicamente, esta é a sinopse do romance, publicado em 2023, pela Besouros Abstêmios. Escrito por Leonardo Valente, que já publicou *O beijo da Pombagira* e *criogenia de D. ou manifesto pelos prazeres perdidos*, e tem por escolha lidar com temáticas desafiadoras, como o suicídio e o amor, além de apresentar uma linguagem que desafia a si mesma e seus próprios limites, ainda que dentro do suporte que somente o romance, com sua plasticidade e suas infinitas possibilidades como obra de arte, pode ser veículo dessa linguagem visceral onde possibilita a transgressão e a subversão de seus próprios sistemas, regras, construções. Polivalente polifonia.

A força motriz do romance atual de Leonardo Valente é o narrador e seu mundo interior: suas memórias, suas palavras, suas dores, seu diálogo dolorido com todas as palavras que escutou durante a infância, a adolescência e a fase adulta. Traz ao leitor como o adulto pode ser a sombra da própria infância, como esse período pode se estender feito uma ferida aberta, não só na linguagem, mas no corpo, no sonho, no que compõe uma interioridade. Interioridade: essa coisa que tanto fugimos no nosso mundo barulhento e tenebroso pós-pandemia.

Além disso, o narrador parece perguntar: do que é feito *um homem*? Assim, discute o processo de construção do que entendemos como masculinidade, de como esse processo violenta a subjetividade, a infância, transforma a mente, os ideais, o corpo e a alma de uma criança, que é forçada a abandonar-se para dar conta das demandas sociais por conta de seu sexo masculino. Além disso, dialoga com o existencialismo e a psicanálise ao trazer esse narrador como instância de subversão de sua constituição e que, buscando o contato com a linguagem, que é de sonho e memória, essas duas instâncias arenosas, busca também ir além das possibilidades do que é para encontrar finalmente o que poderá fazer de si mesmo.

No romance, os tempos se entrelaçam, culpa, dor e medo se digladiam no corpo de linguagem de seu narrador, além disso discute-se e demonstra-se o poder da narrativa, das palavras que dizemos e ouvimos, tudo isso através da força da subjetividade que se olha no espelho da própria narrativa e encontra a si mesma em autorreflexividade e pensamento.

O romance toma para si uma tarefa árdua: não só se constrói de elementos narrativos bem pensados e estruturados, como suas descrições, cenários, narrador, personagens, mas enfrenta narrativamente questões intrínsecas ao romance, a saber: a família, a política, a sociedade machista, o patriarcado, e ainda se propõe a observar, comentar e apresentar temas que estão em discussão na contemporaneidade, como é o caso da sexualidade, da masculinidade, do luto, da saúde mental, entre outros.

Na articulação com esses temas espinhosos, o romance também se propõe a indagações que perpassam a existência humana e reverbera questões do universo literário como o porquê escrevemos? Indo além e, aprofunda-se psicanaliticamente, perguntando: o que é falar? Por que falamos? Por que falar pode curar?

Coloca dessa forma o diálogo como sendo uma tentativa de encontro consigo mesmo e com o outro, a linguagem como um rastro e um rastilho de pólvora, ao mesmo tempo podendo unir ou separar, questionar ou confundir, ou tudo, ou nada disso. Questões humanas, questões que nos compõem como humanos, como gente no mundo.

E tudo isso questiona também o leitor, sua existência, pensamentos, preconceitos: formação e linguagem. Dialoga no processo da leitura, fazendo com que o leitor encare todos os questionamentos acima descritos de forma lúcida, trazendo uma narrativa em que o narrador dispõe de seu corpo e suas memórias como uma força de linguagem. Daí seu dinamismo, sua palavra exata e movente.

Além disso, causa incômodo, empatia, movimenta as emoções esgarçadas, o cansaço contemporâneo dos excessos, das privações absurdas, assim como retoma questões fundamentais humanas (o que é existir? o que é uma família? o que somos?) nos leva, como leitores, a questionarmos a nós mesmos diante dos requisitos sociais que preenchemos ou não, que tentamos ou não dar conta, seja dentro da família ou lidando com os traumas geracionais, seja pelos conflitos, pelas conversas, pelos diálogos que não existiram, seja por não correspondermos aos sonhos, delírios, expectativas que depositam sobre nós, seja pela maneira como nos tratamos a nós mesmos diante da dor.

Como lidar com essa confusa herança, com a dor do abandono, com a ausência paterna/materna, como lidar com as dolorosas memórias de uma época que está no passado apenas cronologicamente, mas que se sedimenta no nosso mais profundo e desconhecido como inconsciente, como traumas, memórias, melancolia, luto, depressão, ódio? Como existir apesar de?

Essas são algumas das questões que movem o narrador de *Relicário de Cuspes* e não só ele, afinal essa narrativa vai de encontro com todos aqueles que sobreviveram a famílias disfuncionais, à violência familiar, entre outras tragédias do cotidiano que passam invisíveis. É muito impactante como Leonardo Valente conseguiu traduzir essas dores que sobrevivem muitas vezes sem palavras, dentro da mente das vítimas, guardadas em espaços sombrios da memória, sendo vistas através de seus resultados na vida presente: transtornos, remédios, comportamentos - os desastres cotidianos. Ou pior, comprometendo tanto o indivíduo que se transforma num pesadelo onde a repetição é a regra formal de vida. Repete-se a porrada, a violência, as palavras, as ações... para sobreviver. E nada além disso pulsa. Nada para a vida.

Além disso, a sensibilidade presente na escrita, as emoções que são construídas pouco a pouco desembocam numa explosão de imagens que demonstram a exímia arte da

escrita que Leonardo Valente desenvolveu e tem na sua dramaticidade uma marca registrada, como lemos também em *O beijo da Pombagira*.

A linguagem aqui não é dominada, mas se torna domínio, espaço, possibilidade de trazer ao mundo questões muito antigas e que ainda nos assombram. Por exemplo, se a família já era uma questão no mito grego de Orestes, por exemplo, que podemos dizer da contemporaneidade? O que temos no nosso passado recente, além de famílias abaladas pelo bolsonarismo e pela melancolização das perdas na pandemia? E antes: famílias abaladas pelos preconceitos religiosos, ideológicos, de sexualidade. A família é sempre esse berço de conflitos eternizados através de laços de sangue e silêncio.

Encontro uma ressonância interessante entre este romance e outros textos que dialogam a partir de certos recursos literários: *Laços de família*, de Clarice Lispector, por compartilharem de temáticas que cercam a constituição familiar; *A lâmina do espelho*, de Ronaldo Lima Lins, onde o autor da narrativa fabrica-se a si mesmo através das memórias, do contato com o outro e, principalmente pela autorreflexividade; *A obscena Senhora D.*, de Hilda Hilst, por conta da utilização do conceito de Derrelição, que as duas obras compartilham entre si como diálogo conjunto entre literatura e filosofia.

Relicário de Cuspes é um livro desafiador que exige mais do que tempo de seu leitor, mas estômago, vísceras, coração e faz com que você precise ler aos poucos e digeri-lo mais devagar ainda, principalmente se compartilha de conflitos familiares assim como o narrador. Um livro que é uma ferida aberta e que pretende penetrá-la fundo, cavando para achar seu fim, sua finalidade, seus porquês. Não é um exagero da minha parte dizer isso. Não é força de linguagem. É uma leitura para poucos, mas que divide com seus leitores, além das dores do seu narrador, uma gama de temáticas, recursos, idiossincrasias, imagens e ideias que vão, não só narrar uma história, mas acercar-se de muitas histórias não-narradas, sofridas em silêncio por muitas pessoas que nos cercam e não ficamos sabendo, nem ficaremos.

Para estes solitários em meio a todos, este romance é uma chave, uma companhia, uma libertação, um chamado e, sobretudo, um convite: para que contemos nossas próprias histórias cheias de som e de fúria, como a vida assim é.

Certas feridas não têm cura. Certas memórias nos acompanharão até a morte. Talvez até depois dela, pra quem acredita. Nosso *relicário de cuspes* pode estar lotado de palavras terríveis. O narrador escolheu esvaziá-lo através da escrita e entrega para seus leitores uma das mais pungentes mensagens de vida que poderíamos ter neste 2023 pós-desgoverno, pós-pandemia num Brasil repleto de ruínas de si mesmo. Brasil, esse país de feridas abertas. Elaborar o luto é também o convite da psicanálise. Elaborar o sentido da vida, do mundo, o encontro com o outro. Sartre, um dos maiores nomes do existencialismo, convida a transformarmos nossas vidas em obras de arte, vivendo além de nossas funções sociais, de nossos sobrenomes, uma vida de infinitas possibilidades.

Convite à angústia? Sim, esse único afeto que não mente.

Convite à vida: nosso mistério compartilhado.

– *Hipócrita leitor, – meu igual, – meu irmão!:* esvazie seu relicário.